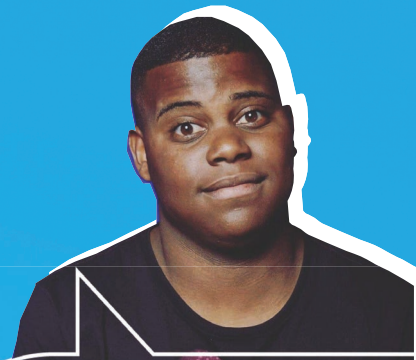


MARÉ DE NOTÍCIAS



“Há 12 anos exaltando as coisas boas que acontecem por aqui. Fico feliz por ter feito uma pequena parte dessa história linda e grandiosa, que promete crescer ainda mais. Vida longa!”

JONATAS MAGNO, teve seu primeiro texto publicado pelo MDN



“Maré de Notícias arrasta consigo ondas de oportunidade para dar voz a quem, talvez, nunca seria ouvido.”

LUIZ AUGUSTO JÚNIOR, morador da Maré



“A presença da comunicação comunitária é primordial. Somos nós que fazemos, muitas vezes, a ponte com o poder público para trazer soluções.”

HÉLIO EUCLIDES, repórter do Maré de Notícias desde a fundação



“O Maré de Notícias, representa a Maré por meio de suas notícias escritas por nós, jornalistas, que amamos essa comunidade.”

ELAINE LOPES, moradora da Maré



“Vida longa ao Maré de Notícias, que une e informa a Maré há 12 anos.”

FLÁVIA CAMPUZANO, jornalista do #Colabora

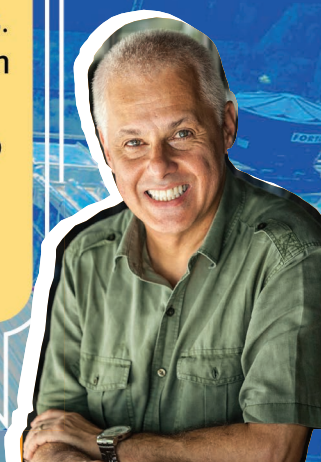


“Desejo vida longa ao jornal, sempre presente onde, muitas vezes, outros não estão: no dia a dia do morador, sempre com a esperança de construir um território cada vez melhor.”

THAÍS CAVALCANTE, jornalista da Maré

“É um privilégio acompanhar a trajetória virtuosa do Maré de Notícias nesses 12 anos. Em frente, colegas, com competência e coragem, na direção do futuro. Parabéns!”

ANDRÉ AYDANO, jornalista



EDITORIAL

Desde sua criação, o Maré de Notícias tem o mesmo propósito: comunicar o imenso potencial do maior e mais pulsante conjunto de favelas do Rio de Janeiro. O que continuamente move cada um dos profissionais envolvidos com o jornal ao longo destes 12 anos de existência é potencializar as vozes que ecoam nas 16 favelas. Pelas centenas de ruas, becos, travessas e praças, tem muita vida além da dicotomia violência/carência.

Nascemos para cobrar também. Em muitas situações, a ausência de políticas públicas mais eficazes impulsiona a formação de redes de ação e apoio pela sociedade civil, que precisa se unir para conquistar avanços no território. A Maré fez história ao longo destes anos através de acontecimentos que tivemos o privilégio de cobrir, como a *Marcha da Maré*, mais recentemente, o *Construindo Pontes*, um estudo inédito que, acompanhado de ações culturais, explicitou a relação entre a violência urbana e a vulnerabilidade da saúde mental; e a *#VacinaMaré*, primeira campanha de vacinação em massa do Brasil direcionada para a periferia, que imunizou mais de 37 mil moradores.

Nesta edição especial, os temas se cruzam com a nossa história. Abordamos o funk carioca, gênero musical ainda em busca de respeito, apesar do enorme sucesso; acompanhamos o projeto de alfabetização criado para resgatar a autoestima de mulheres que, durante a vida, não tiveram a oportunidade de investir nos estudos; aprendemos um pouco sobre a história das gerações criadas nos campos de futebol das favelas, que hoje se veem como uma grande família; escrevemos sobre tantas Marés, como a de Música e de Direito; e muito mais.

O jornal nasceu numa Maré que hoje está crescendo e amadurecida. O Maré de Notícias de dezembro de 2021 é maior, não só no número de exemplares (de 30 mil passamos para 50 mil), como também na maneira de tratar e olhar o território. O desafio de fazer uma comunicação comunitária é diário e, nesses 12 anos, esperamos — torcemos, desejamos — ter ajudado a vida dos mareenses de alguma maneira. Celebramos a todos e cada um dos nossos leitores. Muito obrigado!

Acompanhe o **Maré de Notícias** na internet!



@maredenoticiasoficial



@maredenoticias



@MareNoticias



(21) 97271-9410



contato@maredenoticias.com.br



www.mareonline.com.br

EU, LEITOR - MATHEUS CHAGAS

O Maré de Notícias, assim como outros jornais comunitários, representa muito mais do que um veículo informativo.

O Maré é fruto da nossa terra, de nossos ancestrais que fincaram aqui suas raízes há décadas, o jornal representa nossa realidade.

O Maré é sobretudo uma forma da favela falar, de mostrar ao mundo que aqui é território fértil de potências, das mais variadas áreas e competências, revelando gente de todas as mais diversas áreas.

Por meio do Maré Notícias diversas realidades, vivências e histórias puderam ser ouvidas pela primeira vez. É bem mais que um jornal impresso, é potência, é diversidade, é prestação de serviço, é a comunicação social em sua essência pura.

Obrigado Maré de Notícias por fazer parte da história, que venham muitos e muitos anos de vida.

Matheus Chagas, estudante de jornalismo e morador da Maré

HUMOR

Dois amigos estavam na Loteria da Vila do João fazendo uma fezinha. Enquanto jogavam, calculavam o que fariam com o prêmio, que estava acumulado. "Quero uma volta ao mundo, tipo Caribe, Estados Unidos e Europa", diz um deles.

Uma senhora que escutava a conversa retrucou: "Se os dois espertos querem dar uma volta ao mundo não precisam ganhar dinheiro. É só pegar os ônibus 917, 940 e 625!"

ENVIE SUA POESIA,
FOTO, RECEITA
OU PIADA. ESTE
ESPAÇO É SEU!

contato@maredenoticias.com.br

EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

redes da **maré**

PARCERIA:

actionaid

MARÉ
DE NOTÍCIAS

R. Sargento Silva Nunes, 1012
Nova Holanda - Maré
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242
www.mareonline.com.br
maredenoticias@gmail.com
contato@maredenoticias.com.br

APOIO:

16 Associações de Moradores
da Maré
Campanha Climão
Casa Preta da Maré
Centro de Artes da Maré
Espaço Normal

EDITORA EXECUTIVA E
JORNALISTA RESPONSÁVEL

Daniele Moura
(Mtb 24422/RJ)

EDITORES

Edu Carvalho

Tamyres Matos

(Mtb 32434/RJ)

COORDENADORES DE
DISTRIBUIÇÃO:

Arthur Viana

Henrique Gomes

Luiz Felipe de Oliveira
Bacelar

DISTRIBUIDORES:

Antônia Valéria Lins e Silva

Cristiane dos Santos

Jonathan Ribeiro Da Cruz

Lucas Frederico Brandão

Leonardo da Silva

Marcelo Sergio Silva Braz

Pedro de Oliveira

Valdemir Gomes da Cunha
Júnior

Vagner Moreira Pires

COLABORARAM NESTA
EDIÇÃO

Data_Labe

Bianca Ottoni

Edu Carvalho

Flavio Herculano

Gracilene Firmino

Hélio Euclides

(Mtb 29919/RJ)

Jorge Melo

Sthefani Maia

Tamyres Matos

(Mtb 32434/RJ)

FOTOGRAFIA

Douglas Lopes

Matheus Affonso

REVISÃO

Julia Marinho

PROJETO GRÁFICO

Mórula_Oficina de ideias

DIAGRAMAÇÃO

Filipe Almeida

IMPRESSÃO

Parque gráfico da Infogloblo

TIRAGEM

40 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO

REPRESENTAM A OPINIÃO

DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO

DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA

A FONTE.

GARANTA O SEU JORNAL!

O Maré de Notícias é entregue de porta em porta nos 47 mil domicílios das 16 favelas da Maré. Se por acaso não chegar na sua casa, avise-nos pelo WhatsApp (21) 97271-9410, via redes sociais (@maredenoticias) ou ainda pelo email contato@maredenoticias.com.br e confira se na associação de moradores de sua favela não tem um exemplar para você. Ajude-nos a melhorar nossa distribuição! Contamos com todos os mareenses!

Um novo futuro, letra após letra

Projeto busca resgatar autoestima de mulheres através da alfabetização

EDU CARVALHO

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), dois terços dos analfabetos do mundo são mulheres; no Brasil, elas são maioria entre a população com 60 anos ou mais. Se os homens são mais numerosos entre os chamados analfabetos funcionais (quem é incapaz de compreender textos simples), são as mulheres na mesma situação que menos oportunidades têm no mercado de trabalho. Para transformar esse cenário, a Redes da Maré desenvolveu o projeto *Escreva Seu Futuro – Alfabetização de Mulheres da Maré*, com aulas destinadas às moradoras das 16 favelas do território que tenham mais de 15 anos e ainda não sabem ler e escrever.

Luzinete Silva dos Santos, de 51 anos, moradora da Nova Holanda, é uma das alunas do projeto, que conta com o apoio da L'Oréal/Lancôme e parceria com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A parai-bana acredita que evoluiu, mas ainda tem um longo caminho a percorrer. O ciclo de formação, que é de dez meses atualmente, está um pouco mais longo por conta das restrições da pandemia de covid-19. “Meu maior sonho é conseguir ler um livro, e eu espero fazer isso em breve. Às vezes, as meninas comentavam que não sabiam fazer o nome, e a professora falava pra treinar em casa todos os dias, e eu vou conseguir fazer isso. Quero tirar minha identidade com nome assinado. Depois que entrei no projeto, muita coisa mudou na minha vida”, conta.

O depoimento de Luzinete mostra o impacto que a alfabetização produz no cotidiano. “Tem muita coisa que chega no celular que não é áudio e eu ainda não consigo entender. Vejo isso como um incentivo para continuar. Tem dias que a

gente pensa em desistir, mas não vou, não. Logo, logo eu vou aprender a escrever mais. E não vou mandar áudio”, afirma.

O sonho dela é, provavelmente, o de muitos dos 11 milhões de analfabetos que ainda existem no Brasil, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Educação 2018 (Pnad Educação) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Um panorama com metas, traçadas pelo Plano Nacional de Educação, trazia o desafio de alcançar a meta de 93,5% dos brasileiros acima de 15 anos alfabetizados até 2015, além de erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em 50% o analfabetismo funcional até 2024. Mas o cenário recente é de aumento no analfabetismo funcional: 27% da população de 15 a 64 anos em 2015 para 29% em 2018.

Nova pedagogia

A supervisora pedagógica do projeto, **Edvânia Ferreira Bezerra**, explica que, com a pandemia, a ação teve de ser reformulada de acordo com o agravamento da crise sanitária, analisando as possibilidades de cada aluna. Visto como ferramenta mais acessível, o WhatsApp serviu de plataforma para as turmas. Só em 2021 foram criados sete grupos: Casa das Mulheres (tarde), Casa das Mulheres (noite), Nova Holanda, Lona, Marcílio Dias, Vila dos Pinheiros e Conjunto Esperança. “É o aplicativo com o qual as alunas apresentam mais desenvoltura, visto que a maioria já utilizava. Além disso, ele permite a interação por áudio e o compartilhamento de vídeos e imagens, fundamentais para estabelecermos a comunicação”, explica.

Mesmo a pedagogia mais criativa ainda esbarra em um obstáculo quase intrans-



Luzinete Silva dos Santos é uma das alunas do projeto Escreva Seu Futuro – Alfabetização de Mulheres da Maré

ponível: o acesso à tecnologia necessária. “Atualmente, 20 alunas não têm celular próprio. Além disso, a internet, de uma maneira geral, é muito precária, e muitas dependem do uso da rede de dados móveis”, conta a supervisora, acrescentando que 18 alunas dispõem de rede wi-fi em casa, mas muitas vezes ela não funciona.

Neste ano, as professoras retornaram com o envio de cadernos pedagógicos impressos, entregues quinzenalmente nas sedes dos espaços onde as aulas acontecem. Ali, as alunas devolvem os exercícios feitos, e assim é possível fazer um acompanhamento dos avanços de cada uma. “Elas estão conseguindo aprender, o que nos deixa muito felizes”, celebra Edvânia.

Ana Carolina, de 25 anos, nunca estudou por falta de documentos — a casa da família foi atingida por um incêndio quando ela era criança. Ana só conseguiu ter documentos aos 15 anos. “Nessa idade, a gente não quer nada com nada, né? Agora é diferente. Eu não sabia a maioria das letras, saía tudo errado. Hoje não esqueço mais o ‘s’, o ‘r’, o ‘m’”, conta a jovem, que hoje trabalha como cabeleireira e designer de cílios. Para o futuro, ela deseja escrever sua própria história: “Quero o

melhor pra mim. Se eu tiver um filho, poderei ensinar a ele. Minha mãe é analfabeta e eu sou doida pra que ela volte a estudar.”

Quem também se agarra à esperança através da educação é **Maria José**, de 62 anos. “Eu chegava nos lugares e era como se não enxergasse. Quando apareceu a oportunidade de estudar pelo projeto, fiz questão de me matricular. Posso estudar, então vou aproveitar e aprender. Hoje estou saindo da escuridão”, celebra.

A iniciativa existe há três anos, e as educadoras disponibilizam duas horas para atender as alunas, de segunda a quinta, de acordo com o horário das turmas: das 10h às 12h, das 14h às 16h e das 19h às 21h. Fazem parte da equipe pedagógica do projeto as alfabetizadoras Beatriz Pequeno, Débora Sant’anna, Maria Cleani Costa e Isabel Coelho. A duração do ciclo de formação é de dez meses; quando ele se encerra, as alunas estão aptas a seguir os estudos dentro do sistema de ensino regular, caso desejem. As inscrições para 2022 vão ser abertas na segunda quinzena de fevereiro, e devem ser feitas presencialmente nos locais divulgados pela Redes da Maré.

Pandemia ameaça inclusão nas universidades

Restrições escancaram o que impede a formação superior dos jovens das periferias



DOUGLAS LOPES

Douglas Lopes

Atividades presenciais retornam aos poucos, mas um dos pontos mais citados pelos especialistas é o agravamento da desigualdade por conta do ensino remoto

JORGE MELO*

Em um país desigual como o Brasil, a pandemia acentuou as diferenças sociais e econômicas de forma dramática, e foi na educação que ela se tornou ainda mais visível. Com o fechamento de escolas e universidades, as aulas remotas aumentaram a já significativa disparidade entre o público e o privado. A imposição do ensino à distância fez o abismo educacional aumentar, com as dificuldades de conexão e a redução da renda das famílias mais pobres. Milhões de jovens com acesso precário à internet e sem equipamentos como computadores, tablets e telefones celulares não conseguiram acompanhar os cursos online; muitos abandonaram a escola. Os que perseveraram no ensino médio sentiram que ficou ainda mais difícil chegar ao ensino superior.

Enem 2021, um passo atrás

A edição deste ano do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) deixou à mostra o resultado sombrio dessa desigualdade. O número de inscrições foi o menor desde 2007: 3.109.762 alunos, 34% menor que o do Enem de 2020 (que registrou 5.687.397 estudantes inscritos). A participação de estudantes negros e oriundos de escolas públicas também caiu.

Em 2020, 63,2% dos estudantes eram pretos, pardos, amarelos ou indígenas. Este ano, eles são 56,4%. O número de candidatos brancos, no entanto, aumentou. Saltou de 34,7% em 2020 para 41,5% em 2021. A conclusão é de um levantamento do Sindicato das Mantenedoras de Ensino Superior (Semesp).

Ellen Batista, de 17 anos, é moradora da Nova

Holanda, está terminando o 3º ano do Ensino Médio e faz pré-vestibular na Redes da Maré. Ela se dedica exclusivamente aos estudos, sendo o Enem 2021 sua primeira experiência com o exame. Segundo Ellen, a questão financeira não foi a principal dificuldade que enfrentou: ela sofreu ao lidar com o emocional, considerando as mudanças na forma de relacionamento social, o distanciamento social e o confinamento. Além dis-

so, a jovem teve que se adaptar à rotina de estudos que a covid-19 impôs.

“A pandemia, em si, dificultou o processo de todo mundo. Muitos dos meus amigos estavam desgastados por conta do isolamento. Minha prima se inscreveu, mas não se sentiu com condições psicológicas de fazer as provas. No dia, não compareceu”, conta.

A prima de Ellen faz parte dos 26% de inscritos que faltaram ao Enem. Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), responsável pelo exame, a abstenção de 2021 está na média histórica, e é bem menor do que a de 2020, quando 51,5% dos inscritos não compareceram, principalmente por medo da contaminação pelo novo coronavírus. De acordo com o Inep, a taxa de faltosos em 2021 foi maior entre aqueles que optaram pela prova digital: 46,1%, contra 25,5% entre os que se inscreveram para fazer a prova impressa.

Aulas remotas ampliaram diferenças

A professora associada de História da Améri-



DOUGLAS LOPES

Número de inscrições para o Enem 2021 foi o menor desde 2007: 3.109.762 alunos, 34% menor que o de 2020



DOUGLAS LOPES

Gabrielle Vidal, de 22 anos, tentou o Enem pela segunda vez e acredita que trabalhar reduz suas chances

ca Contemporânea da Universidade Federal Fluminense (UFF) **Samantha Quadrato** tem longa experiência em sala de aula, tendo lecionado para turmas dos ensinos Fundamental e Médio. Segundo ela, são visíveis os danos causados pela pandemia de covid-19 na educação dos alunos mais pobres das universidades públicas. “A evasão de modo geral tem sido grande. As turmas estão vazias, alguns falam que precisam trabalhar para ajudar em casa, muita gente com depressão”, conta.

A moradora da Nova Holanda **Gabrielle Vidal**, de 22 anos, tentou o Enem pela segunda vez este ano; a primeira foi em 2019, antes da pandemia. Ela acredita que trabalhar para ajudar a pagar as contas em casa reduziu suas chances nas duas oportunidades: “Estudar e trabalhar é muito difícil. Não é todo mundo que consegue.” Gabrielle enfrentou outro problema, muito comum entre alunos de baixa renda: a casa dela não conta com internet. Foi preciso recorrer aos amigos — um processo, segundo ela, desgastante. Quando foi preciso, ela usou o celular para estudar mas, depois de certo tempo, sentia dor de cabeça e irritação nos olhos.

Adaptação difícil

Há dois anos, **Bárbara Lima** é professora voluntária de espanhol no projeto Educafro, que tem como objetivo preparar jovens e adultos de baixa renda (em especial negros) para ingressar no Ensino Superior. Ela reforça o depoimento de Saman-

tha: houve uma grande evasão por conta das dificuldades de aprendizado via plataformas digitais ou, em muitos casos, por falta de acesso à internet. Em 2020, o projeto tinha cerca de 80 alunos inscritos e uma fila de espera. Este ano, o número de vagas preenchidas não chegou à metade dos anos anteriores. Espanhol e inglês são as línguas estrangeiras da prova de idiomas do Enem. A turma de Bárbara, que contava com oito estudantes no início do ano, terminou com apenas duas alunas. Como professora, adaptar-se ao novo modelo foi difícil. “A comunicação com os alunos foi afetada. Reconhecer as dificuldades com a transição para o virtual acabou sendo um grande desafio”, conta.

Evasão pode aumentar

Milenny Telles é estudante de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e estagiária do Descomplica, uma plataforma virtual voltada para a aprendizagem e que acabou sendo apoio para quem pretendia prestar o Enem. Ela lembra que “muitos alunos não tinham uma boa conexão ou computador; às vezes, as aulas online atrasavam por instabilidade na conexão e isso deixava os alunos muito frustrados. Infelizmente, em ano de vestibular qualquer mudança os desalinha, principalmente quando são tão drásticas”, pondera.

Samantha Quadrato acredita que o distanciamento social e as aulas remotas dificultaram a busca por soluções porque desarticularam as

organizações e entidades de professores e alunos.

“Espero que a gente volte ao presencial porque no remoto é muito difícil pensar saídas coletivas e ações de solidariedade, fazer pressão no governo. Mas meu medo é que tenhamos uma evasão histórica nessa volta à sala de aula. As passagens da região metropolitana do Rio de Janeiro, por exemplo, estão muito caras. Tem muita gente desempregada, muitos alunos são de municípios vizinhos. Antes da pandemia, muitos já faltavam porque não tinham dinheiro para o transporte”, relembra Samantha.

Ferramentas de acesso

O Enem surgiu em 1998 com o objetivo de avaliar os estudantes no último ciclo da formação básica. Ao longo dos anos, a prova passou por algumas alterações e, atualmente, é a principal ferramenta para o ingresso de estudantes no ensino superior tanto público quanto privado, mediante programas do Governo Federal como o Sistema de Seleção Unificada (Sisu), o Programa Universidade para Todos (Prouni) e o Financiamento Estudantil (Fies).

Há também consenso entre especialistas e pesquisadores da educação de que a lei 12.711, conhecida como a Lei das Cotas, representou um grande avanço na luta contra a desigualdade, possibilitando uma mudança no perfil dos estudantes das universidades brasileiras através da inclusão de alunos de escolas públicas e de negros e indígenas nas salas de aula de educação superior. Por isso, a preocupação com os números resultantes do Enem 2021 é o que tira o sono de educadores como Samantha.

A professora, com sua experiência na maioria dos níveis de ensino os níveis de ensino, afirma que “o exame nacional permite que o aluno se prepare para aquela prova sem as diferenças de vestibulares do passado, onde cada universidade fazia o seu. É uma data nacional, um estilo de prova, uma única inscrição. Isso foi uma conquista. Mas ainda há muito a ser feito”, afirma.

*Contribuíram para a pesquisa desta reportagem os estudantes Bianca Ottoni, Flavio Herculano e Sthefani Maia, vinculados ao projeto de extensão Laboratório Conexão UFRJ, parceria entre o Maré de Notícias e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Quando a culpa vem de ter um rosto preto

Segundo a Defensoria, em 2020 houve erro no reconhecimento fotográfico de suspeitos em 58 casos



Gustavo Nobre (terceiro da esquerda para a direita) participou de reunião com a Comissão de Direitos Humanos da Alerj que abordou o reconhecimento fotográfico

EDU CARVALHO

O produtor cultural Ângelo Gustavo Nobre (o Gugu) ficou um ano preso por roubo. A única evidência de que ele teria participado do crime foi ser reconhecido pelas vítimas através de uma foto sua, retirada do Facebook – prática que está se tornando comum. Segundo a Defensoria Pública do Rio de Janeiro, em 2020 houve erro no reconhecimento fotográfico de suspeitos em 58 casos, resultando em prisões indevidas.

O racismo estrutural é uma das causas mais recorrentes para que isso aconteça, já que 70% dos acusados eram negros e, em 83% dos casos, foi constatado erro na identificação dos suspeitos, todos pessoas pretas.

Dada a gravidade do assunto, a Comissão de Direitos Humanos (CDH) da Assembleia Legislativa do Rio (Alerj), em audiência pública, discutiu as prisões ocorridas por falhas no reconhecimento facial. A Alerj deve votar, em caráter de urgência, o projeto de lei (PL) que proíbe a inclusão e uso de fotos colhidas em redes sociais e de pessoas sem anotações criminais no banco de imagens de suspeitos usados pela Polícia Civil.

Integrante da CDH, o deputado estadual **Waldeck Carneiro** (PT) acredita que elas prejudicam, sobretudo, “jovens negros, favelados, moradores pobres de territórios periféricos – mais uma forma de preconceito racial e de estigmatização. Os erros expressam a criminalização da pobreza, o terrorismo de estado e o racismo institucional.

Pode haver equívoco, falha profissional, mas isso não explica as prisões”.

Em âmbito nacional, o Senado Federal aprovou em meados de outubro o PL que modifica, no Código de Processo Penal, como fotografias podem ser usadas no reconhecimento de suspeitos de crimes: elas passam a ser um dos elementos que comprovam o delito e não mais a principal peça de acusação. O projeto de lei ainda determina que, se o acusado for absolvido em definitivo, sua imagem seja excluída dos bancos de dados usados pelas forças de segurança e justiça.

IA reproduz o racismo

Por conta do alto número de pessoas presas injustamente por conta de erros no reconhecimento facial por inteligência artificial (IA) ou fotos, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) criou um grupo de estudos para elaborar um diagnóstico sobre os elementos que facilitam a condenação de inocentes e a orientação técnica para que isso não mais aconteça.

Para o coordenador adjunto do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC), o cientista político **Pablo Nunes**, o uso do sistema biométrico e facial reforça as falhas no sistema. O jurista, integrante do grupo de trabalho do CNJ, cita o trabalho de pesquisadoras americanas que analisaram os algoritmos usados em programas de reconhecimento facial e chegaram à conclusão que rostos de mulheres negras são erroneamente identificados

REPRODUÇÃO DO INSTAGRAM

em até 34% das vezes, em comparação com homens brancos (para este grupo, a taxa de erro é de apenas 0,8%).

Pablo alerta para o aumento exponencial do uso da ferramenta tecnológica por forças de segurança pública. Segundo a Panóptico, plataforma que analisa projetos que usam IA para reconhecimento facial, em 2019, 90% das 184 pessoas presas no Brasil por conta do uso de IA eram negras; 22 estados já usam ou estão em processo de licitação para usar a tecnologia em investigação criminal.

Para a defensora pública do Rio de Janeiro **Lúcia Helena de Oliveira**, as discussões sobre o uso de reconhecimento facial por IA no direito penal brasileiro mal começaram. “Existe um percentual alto de pessoas negras sendo tecnologicamente reconhecidas, e isso parece indicar a necessidade de um esforço conjunto de outros setores, tais como educação e saúde, dentre outras medidas. Não podemos esquecer os impactos raciais na adoção das tecnologias que podem trazer sérios problemas para as pessoas negras.”

Para Pablo Nunes, “não podemos considerar o reconhecimento facial por IA uma solução, e sim um fator que pode incrementar o processo de superlotação do sistema penitenciário, bem como aumentar as violações de direitos.”

SAM BURRIS



Racismo estrutural está por trás de falhas no reconhecimento por foto

É preciso estar vivo para viver: somos da Maré, temos direitos!



SHYRLEI ROSENDO

Shyrlei Rosendo é mestre em educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) e coordenadora do Eixo de Segurança Pública e Acesso à Justiça da Redes da Maré.

Alguma vez você deixou de ir à escola? A uma consulta médica marcada? Chegou tarde no trabalho por conta de alguma operação policial ou um tiroteio na comunidade onde mora? Pois bem, imagino que sua resposta seja SIM. Então, ao ser perguntado se essa situação tem saída, o que nos diria? Possivelmente NÃO. Mas o que queremos conversar com você é que, sim, pode levar tempo, mas podemos ter o nosso direito à segurança pública — entendido como direito à vida — preservado. Lutamos muito para conquistar nossa casa, nosso emprego, nossos móveis e eletrodomésticos... Não é justo que o direito ao nosso patrimônio e à nossa vida seja violado. Não é justo que não possamos ir à escola, ao posto de saúde, somente por conta da violência.

Para saber como podemos ter direito à segurança pública em nossa favela, nosso primeiro esforço é conhecer nossos direitos, ou seja, o que pode ou não ser feito em uma abor-

dagem policial, como os policiais devem se comportar durante uma operação, onde eles podem ou não entrar sem mandado judicial. Esse ano, a campanha Somos da Maré. Temos Direitos! vai abordar isso. O objetivo é orientar o morador com informações básicas sobre como agir quando estiver no meio de uma situação que envolve agentes de segurança pública. Ou seja, conheça seus direitos para reivindicá-los e reconhecer quando eles forem desrespeitados ou ignorados. A polícia cometeu uma violência contra você, um amigo, parente ou vizinho? Saiba como agir sem sentir medo. A campanha auxilia, inclusive, na compreensão sobre a responsabilidade das instituições públicas nessa garantia de direitos.

A Redes da Maré, por exemplo, mantém um plantão com advogados, assistentes sociais e psicólogos para atender moradores que sofrem violências em operações policiais — é só chamar no número de WhatsApp da Redes (21 99924-6462). O Ministério Público (MP) tem um plantão que recebe denúncias de incursões policiais violentas, você sabia? É o MP que tem que fiscalizar se os servidores públicos, incluindo os policiais, estão agindo dentro da legalidade. Você sabia que a Defensoria Pública tem um núcleo especializado para atender a esse tipo de denúncia?

A campanha Somos da Maré. Temos Direitos! também fala de sonhos; mas o que isso tem a ver com a violência? Percebemos ao longo dos anos que a violência, seja ela causada por uma operação ou um confronto armado, interrompe os sonhos. Vamos explicar melhor.

Se o seu sonho for ter uma casa própria, por exemplo, para alcançá-lo você precisa de um emprego. E vai que você consegue uma entrevista de emprego bem bacana? A vaga paga um salário maneiro, e com isso você vai conseguir juntar uma grana para realizar esse sonho. E imagina se, no dia da entrevista, tem uma operação policial na comunidade onde você mora? Dificilmente você vai conseguir sair e, mesmo que consiga, vai chegar cansado, estressado, preocupado com a sua casa, com as pessoas que moram com você. E aí, pode ser que você não se saia bem. Ou você pode até já ter arrumado um emprego bacana, mas volta e meia chega atrasado

porque não conseguiu sair de casa.

Sabemos que essas coisas são difíceis de perceber, e as pessoas que não moram em favela têm dificuldade de entender, mas nós sabemos que, de vez em quando, deixamos de fazer coisas importantes por conta da violência. Mas não desista! Porque acreditamos que as coisas podem mudar que queremos mostrar que os moradores da Maré têm sonhos!

Falo em nome da Redes da Maré, mas, pessoalmente, também acredito que é preciso ESTAR VIVO PARA VIVER! Ou seja, precisamos ter nossas vidas preservadas, nossos direitos garantidos, para que possamos realizar nossos sonhos. E o nosso sonho maior é que a violência não nos impeça de realizá-los. E que os mais de 140 mil moradores das 16 favelas do território sejam respeitados, que possam construir uma Maré de vida, de alegria e de sonhos — possam construir uma realidade melhor para todos!



Para Shyrlei (na imagem, em evento da Redes da Maré), “a Maré tem sonhos!”

Funk conquista o mundo, mas ainda quer mais

Ritmo coleciona sucessos e influencia a indústria musical, mas ainda busca o respeito reservado a outros estilos na cultura brasileira

GRACILENE FIRMINO

Com o título *Funk ainda em busca de reconhecimento*, uma das matérias de capa da primeira edição do Maré de Notícias (2009) falava da luta dos funkeiros para conquistar seus espaços. Mais de uma década depois, o ritmo musical segue criminalizado mas, em contrapartida, cada vez mais artistas chegam ao sucesso por meio do funk, como os moradores da Maré DJ Rennan Valle e Preta QueenB Rull.

Aos 26 anos, Rennan de Jesus dos Santos, o DJ *Rennan Valle*, é compositor e produtor musical e cultural. Tocando nas comunidades do Rio desde os 13 anos, ele se diz influenciado por diversos gêneros musicais. “Diferenças sociais e culturais, além da criminalização do funk carioca, um gênero que vive sofrendo perseguições por ter surgido nas comunidades, me perturbam, mas também moldaram quem sou hoje”, diz. Cursando Produção Musical, desenvolveu uma paixão por composição. Suas canções já foram tocadas em rádios pelo Brasil. Morador da Nova Holanda, ele começou a produzir em 2011; é um dos apoiadores do funk 150 bpm e um dos primeiros incentivadores dessa vertente na Maré. Rennan Valle é ativo na cena do ritmo, realizando shows pelo Brasil.

Marcos Carvalho, 22 anos, é mais conhecido como a **Preta QueenB**



Tradição dos eventos de funk é forte, especialmente nas favelas do Rio de Janeiro. Na foto, baile realizado no Parque União

Rull. O artista é do Parque União, também cria da Maré, e conta que sua relação com o funk é forte e veio da infância. “Estou no funk desde quando era bem pequeno, vim de uma família que é muito funkeira, cresci vendo os DVDs da Furacão 2000. Sempre quis viver a arte do funk. Meu primeiro show como funkeira foi em 2019, na Parada do Orgulho Gay da Maré. Pra mim, o funk é um estilo de música que faz todos dançarem. A energia que eu sinto quando estou no palco cantando minhas músicas é única. O funk faz você dançar, viver, sorrir”, afirma.

Reconhecimento x “bom gosto”

O funk carioca ganhou o mundo; mesmo assim, o preconceito contra ele permanece. Com décadas de existência, apenas em julho de 2021 o

Grammy Latino anunciou a inclusão do funk brasileiro na categoria Música Urbana, ao lado de gêneros como rap, reggaeton, R&B e trap.

Artistas de grande sucesso no Brasil incluem o funk em seus repertórios e já fizeram com que o ritmo conhecido internacionalmente. A música *Vai Malandra*, da cantora Anitta, é um de seus hits baseados no funk carioca. O videoclipe, gravado no Vidigal, ultrapassou a marca de 500 mil visualizações no YouTube em apenas 20 minutos, tornando a música um sucesso. Essa é a melhor estreia brasileira na plataforma de vídeos, com oito milhões de *views* em menos de oito horas. *Vai Malandra* chegou ao 18º lugar do ranking de músicas mais ouvidas no mundo no Spotify; foi a primeira em português a entrar no top 20 global da

plataforma de streaming.

A canção *24 Horas por Dia*, de Ludmilla, que também conta com a forte batida do funk, foi lançada em 2015. O videoclipe da música chegou ao 46º lugar na parada musical Billboard Brasil Hot 100 Airplay e nas melhores posições de estações de rádios do país naquele ano. Tanto Anitta quanto Ludmilla tiveram seus rostos estampados nos famosos painéis de LED da Times Square, em Nova York (EUA): a primeira em 2017, com *Downtown*, e a segunda este ano, com a música *Socadona*.

Preconceito e perseguição

Mesmo com tanto sucesso, ambas já sentiram na pele e falaram sobre o preconceito em relação ao funk. Em março de 2021, a apresentação das cantoras ame-



MATHEUS AFFONSO

DJ Rennan Valle é cria da Maré e toca nas comunidades do Rio desde os 13 anos. Compositor se diz influenciado por diversos gêneros musicais

ricanas Cardi B e Megan Thee Stallion na entrega dos prêmios Grammy incluiu um trecho de *WAP*, remix do DJ e funkeiro Pedro Sampaio. Isso bastou para gerar críticas ao ritmo. À época, em entrevista ao portal *Mundo Negro*, Ludmilla disse que aquela não era a primeira nem seria a última vez que o funk carioca sofreria preconceito, principalmente por ter sua origem nas favelas e periferias e ser difundido por pessoas negras.

Anitta, por sua vez, escreveu um artigo para a revista *Época* defendendo o estilo musical carioca. A cantora de Honório Gurgel falou sobre a importância do funk, não apenas cultural, como também financeira: “O valor é muito alto. Não só como entretenimento, mas também econômico. Os ‘batidões’ movimentam a carreira de muitos cantores, compositores, produtores, músicos, escritórios, staff, agências, publicidade e, claro, o mercado fonográfico.”

O preconceito, porém, vai além da crítica musical: em março de 2019,

a Justiça do Rio emitiu 11 mandados de prisão para homens envolvidos no Baile da Gaiola, o maior evento de funk do Rio, realizado na Vila do Cruzeiro. Entre os acusados, estava Rennan da Penha. Ele foi condenado por associação ao tráfico de drogas a seis anos e oito meses de prisão (cumpriu sete meses). Em entrevista ao canal no YouTube do influenciador Lucas Selfie, Rennan disse que perdeu oportunidades profissionais e ficou com a vida suspensa por um ano e meio. “Tô na comunidade, fazendo baile, o Estado não mudou a situação lá, a culpa é minha?”, disse o artista, em julho deste ano.

Sobre presente e futuro

Funk melody, ostentação, ousadia, proibição, new funk, eletrofunk, brega funk, 150 BPM. As possibilidades e vertentes são muitas. Mas para quem vive a cena, como o funk é visto agora? “Hoje em dia, acho que muitos vêem o funk de forma diferente. O gênero ganhou até uma série, a ‘Sintonia’. E muitos lutaram para

que isso acontecesse. Se você quer agitar, animar uma festa, vai tocar um funk. Existe mais respeito, antigamente havia mais preconceito. Estamos em outro patamar. Temos funks virais, que tocam no mundo todo, como *Baile de favela*. O ritmo vem ganhando seu espaço. Muita coisa mudou ao passar dos anos”, conta Renan Valle.

MATHEUS AFFONSO



Preta QueenB relata que sua relação com o funk é forte e veio da infância

Já QueenB Rull acredita que ainda há um caminho a percorrer. “Acho que melhorou bastante. O funk carioca é sensação nacional, bomba no Brasil inteiro. Os estigmas devem ser todos quebrados! Ainda temos muito que mudar.” E fala sobre quem veio antes dela. “Eu respeito muito as mulheres que começaram no funk, Tati Quebra Barraco, Mc Carol de Niterói, Ludmilla, Anitta, entre outras artistas do ramo, que me tornaram hoje a QueenB. O funk ainda é criminalizado. Há preconceito e ignorância de alguns que não sabem respeitar o que é cultura favelada! Assim como foi com o samba, hoje acontece nas favelas. Mas o funk é sobre realidade, cultura preta e sei que meu lugar hoje aqui é trazer essa minha voz que eu vivo. Cantando o que eu sou, o funk!”

Múltiplas sonoridades na Maré

Maré de Música une nomes consagrados a artistas periféricos, incluindo as favelas no mapa dos melhores shows da cidade

ADRIANA PAVLOVA

M maio de 2019: Centro de Artes da Maré (CAM) abarrotado de gente: Mart'nália entoou o hino à alegria *Canta, canta, minha gente* ao lado dos músicos do grupo Nova Raiz do Samba, enquanto centenas de pessoas explodem de felicidade repetindo em coro o refrão *A vida vai melhorar*. Fevereiro de 2020: dezenas de músicos da Orquestra Voadora, em cortejo pelas ruas da Nova Holanda, tocam e arrastam atrás de si uma multidão de crianças radiantes — que, horas depois, dançam ao som do cantor BNeção, no CAM. Junho de 2020: num respiro em meio à pandemia de covid-19, a cantora Céu entoou e conta histórias no Instagram da Redes da Maré. Junho de 2021: no palco do CAM, o canto arretado de Juliana Linhares ecoa ao lado dos Três Forrozeiros, lembrando que o sotaque nordestino é parte fundamental da paisagem sonora dos territórios da Maré.

Quatro cenas, quatro flashes, quatro momentos pinçados da Mostra *Maré de Música*, projeto ambicioso que, desde 2019, movimenta e consolida a cena musical na região, ao unir nomes consagrados da música brasileira a artistas independentes locais e de outras periferias. A lista de músicos que passaram pelo Centro de Artes da Maré em shows presenciais gratuitos (até fevereiro de 2020) e gravados (desde meados do ano passado, por conta da pandemia, disponíveis no canal de YouTube da Redes da Maré) é longa e poderosa, comprovando que o projeto já caiu no gosto do público e inseriu definitivamente o conjunto de favelas no concorrido circuito de shows do Rio de Janeiro. Um palco que já teve, entre outros, Duda Beat, Teresa Cristina, Liniker, Larissa Luz, Rubel, Tico Santa Cruz, Tambores do Olokun, Amora Pêra, Chico Chico, Letrux, Lucas Hawkin, MC Marechal, Deize Tigrona, Afrofunk, Priscila Tossan, Yoùn, Joca, Zola Star e a banda Canto Cego.

Como se vê, é uma mostra que aposta em diferentes sonoridades, do trap ao samba. Em tempos de trabalho escasso, sobretudo no meio artístico, a equipe emprega mais de 30



Uma das atrações do *Maré de Música*, dupla Yoùn, da Baixada Fluminense, já se apresentou no festival *Rock the Mountain*

personas (a maioria cria da Maré) só nos bastidores, para dar conta das filmagens enquanto os shows não voltam a ter público ao vivo. Tudo levantado com o patrocínio fundamental do Natura Musical (2019) e do Itaú Cultural (2020 e 2021), além do apoio do Boca do Trombone na luz e no som.

Não por acaso, há artistas que já se transformaram em parceiros assumidos, como a cantora paulistana **Anelis Assumpção**, que esteve no palco do CAM em 2019 ao lado da rapper e poeta Yas Werneck, com participação do poeta e músico Rodrigo Maré (durante a pandemia, ele e Yas estiveram juntos novamente, dessa vez em uma live com o músico Curumim).

“É sempre uma incógnita o que um artista independente, em processo de formação de público em outra cidade, vai encontrar. E o show na Maré foi um dos mais importantes na minha vida — uma das apresentações mais poderosas, no sentido da troca genuína com pessoas que estavam ali para me ver”, lembra Anelis.

Nesses três anos do evento, muitas vezes os encontros até podiam parecer inusitados mas, no palco, revelaram uma grande química entre os artistas — magia que encantou a plateia no CAM ou em casa. Misturas nascidas da cabeça antenada da produtora **Gei-**

sa Lino, idealizadora, coordenadora e curadora do projeto, que em 2021 contou com a parceria de Bia Policchio e Rodrigo Maré na curadoria. Personagem-chave da cena musical na Maré na última década, tendo coordenado shows históricos na Lona Cultural Herbert Vianna, Geisa afirma que um dos objetivos desde o início da mostra foi apostar numa produção caprichada, sem deixar nada a dever a outros palcos com mais investimento em outras áreas da cidade. “Como o artista recebe um cachê simbólico, a prioridade sempre foi oferecer um som impecável e, agora, uma filmagem de alta qualidade. É um show profissional que valoriza o trabalho dos convidados, permitindo conexões e encontros impensados, garantindo também mais visibilidade aos artistas periféricos”, diz Geisa, que destaca ainda que outro objetivo é valorizar a economia local. Nos shows de 2019, com a presença de público, foi feito um mapeamento de comerciantes da Maré para que pudessem vender produtos, comida e bebida dentro e fora do Centro de Artes.

O impacto da mostra na economia da Maré é evidente e pode ser medido por quem está nos bastidores, como o fotógrafo **Patrick Marinho**, que opera uma das quatro câmeras responsáveis



PATRICK MARINHO

Parte da equipe responsável pela realização da mostra Maré de Música reunida no Centro de Artes da Maré

pele registro dos shows e dos bastidores. Criado no Morro do Timbau e morando atualmente na Vila do Pinheiro, Patrick começou a frequentar em 2017 os shows no Centro de Artes que deram origem à Mostra *Maré de Música*. Espectador das apresentações gratuitas de nomes do porte das cantoras Céu e Luedji Luna e de grupos como Metá Metá, ficou tão encantado que logo começou a registrar as apresentações para o seu portfólio. A seguir, foi convidado pela produção para fotografar as apresentações e, recentemente, passou a integrar a equipe de comunicação da Redes da Maré. Foi o trabalho na mostra que manteve sua família nos piores momentos da pandemia de covid-19.

“Com as diárias que recebi pelas filmagens consegui dividir as despesas para o sustento da minha mãe, irmãs, avó e padrasto. Depois que fui contratado, passei a morar sozinho”, diz Patrick, que na adolescência foi aluno da Escola de Cinema Olhares da Maré (Ecom), outro projeto da Redes. “Os shows são um marco para a Maré. Ter um espetáculo de graça na nossa comunidade igual aos que pagamos para entrar é algo inusitado.”

A mostra também deu novo impulso a músicos da Maré, como os integrantes do grupo Os Forrozeiros, liderados pelo tocador de triângulo **José Afonso Aguiar**, o **Sabiá**. Honrando a influência nordestina que faz parte da história da Maré, o grupo especializado em forró pé de serra é uma espécie de coringa do evento, apresentando-se com frequência no CAM, antes mesmo de

o evento se tornar oficialmente uma mostra. Não é à toa que, hoje, Sabiá chama Geisa Lino de “madrinha dos Forrozeiros”.

“O som sempre foi de qualidade, mesmo no começo, quando as apresentações ainda eram um pouco improvisadas. De edição em edição, toda a estrutura foi melhorando até ficar top. Tocamos com artistas de fora, como Amora Pêra e Chico Chico, foi ótimo, mas ter a chance de um show gravado ao lado de Juliana Linhares chamou a atenção para o nosso trabalho. Recebemos elogios do pessoal que frequenta a feira de São Cristóvão e convida para tocar no teatro em Manguiños”, diz Sabiá.

Além da produção requintada que envolve as edições gravadas apresentadas pela MC Martina, outro ponto de investimento é no marketing digital do evento. A página no Instagram (@mostramaredemusica) oferece um belo passeio pelo histórico da mostra, apresentando cada artista e dando destaque a uma música gravada durante o show. Uma identidade digital que inclui os bastidores das apresen-

tações, vídeo lançado como uma forma de esquentar, sempre antes de os vídeos dos shows serem lançados no YouTube.

Balão de ensaio

Sem dúvida, uma estrutura muito diferente das primeiras apresentações com grandes nomes da cena musical carioca na Lona Cultural, por volta de 2014, feitas em esquema de guerrilha: com pouco dinheiro e muita vontade. Passaram por lá artistas como Jards Macalé, Bnegão, Otto e Abaoyomi Afrobeat Orquestra, e também muitas bandas da periferia, que se apresentavam no *Favela Rock*, evento que marcou época na Maré.

Tudo isso serviu como balão de ensaio para o que viria depois, em 2017, quando Geisa Lino já estava à frente da coordenação do Centro de Artes da Maré. Começaram ali shows em parceria com a mostra de artes visuais *Travessias*, do Galpão Bela Maré, como os de Rico Dalasam e Ava Rocha. Neste cenário, em dezembro de 2017, a cantora Céu apresentou *Catch a fire*, show emblemático que abria as portas para uma nova fase de espetáculos, pavimentando o caminho para o início da Mostra *Maré de Música*.

“Montamos um palco na frente ao CAM, Céu veio sem receber cachê, porque aproveitamos a vinda dela ao Circo Voador e o show aqui foi muito incrível”, lembra Geisa. Para o público que acompanha a mostra desde 2019, outro acerto é justamente as múltiplas sonoridades:

“Os shows agradam diferentes públicos porque os produtores são daqui e sabem que a marca da Maré é a diversidade: tem as tradicionais rodas de samba da Nova Holanda, como também a galera do rock da Baixa”, diz a professora **Érika Batista**. “Um evento como a Mostra Maré de Música, feito por gente daqui, cria uma relação muito forte de pertencimento.”

PRÓXIMAS ATRAÇÕES

11/12 - Larinhx + Ciana, Ikinya e Ebony

MOSTRA MARÉ DE MÚSICA EM NÚMEROS

- ✓ Equipe nos bastidores: 31 pessoas (70% são moradores da Maré)
- ✓ Número de artistas envolvidos desde 2019: 120
- ✓ Oito shows ao vivo em 2019, com público de 3.000 pessoas
- ✓ Oito shows gravados e exibidos no YouTube em 2021

Floresta e favela são palavras rivais?

Mareenses lutam contra as mudanças climáticas que também afetam o conjunto de favelas

VINICIUS LOPES

Edição: Fred Di Giacomo

Dados: Polinho Motta

Arte: Juliana Messias

“Onde existe muita floresta existe muita pobreza”, disse durante sua participação na Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas de 2021 (COP26) o ministro do Meio Ambiente, Joaquim Leite. Essa frase pode ser considerada uma amostra de como pensa o atual Governo Federal em relação à justiça ambiental e climática — da Maré ao mundo.

Na contramão da fala do ministro, percebe-se que as florestas (espaços verdes, no geral) estão presentes majoritariamente nas partes mais nobres das cidades. Basta ver que os bairros mais arborizados do Rio de Janeiro são o Alto da Boa Vista e São Conrado. A Maré, o maior conjunto de favelas da capital fluminense, é um exemplo de como a lógica do ministro não se aplica à realidade: uma das faces

PATRICK MARINHO



Camila Felipe, do Coletivo Resistência Lésbica da Maré, e Brenda Pinto, do Muda Maré, estão entre o grupo de jovens que se articulam por uma Maré mais verde

da pobreza está justamente ligada à falta de espaços verdes.

Mudanças Climáticas afetam a Maré?

O debate sobre questões climáticas frequentemente se dá em lugares distantes das favelas e periferias, como a Maré; por isso, passa a falsa impressão de que o assunto pouco afeta a vida dos mareenses. Mas na verdade as

pessoas que moram nas favelas e periferias são as primeiras a sofrer os danos causados pelas mudanças climáticas.

O data_labe instalou medidores de temperatura na sede do laboratório, que fica na Baixa do Sapateiro. Os dispositivos indicam que, enquanto a média de temperatura no Rio de Janeiro durante o inverno (entre junho e setembro) foi de 25°C, na

Maré a temperatura chegou a 30°C — é o fenômeno conhecido como “ilhas de calor”: áreas da cidade onde a temperatura média é mais alta por conta da atividade humana e das condições estruturais. Caso a temperatura global continue aumentando devido às mudanças climáticas, a Maré vai ficar mais quente ainda.

Um dos principais problemas que o calor intenso provoca está relacionado à saúde. É o que explica a arquiteta e urbanista **Carolina Galeazzi**. “O calor em si pode não ser a causa imediata de doenças, mas ele é responsável pela piora delas. Esse é um problema ainda maior para os idosos: por serem mais vulneráveis, seu quadro clínico pode piorar e eles morrerem”, afirma a pesquisadora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que aborda o impacto das mudanças climáticas na Maré em sua tese de doutorado a partir de medidores de temperatura e umidade.



PATRICK MARINHO

Jovens da Maré se reuniram no Parque Ecológico do Pinheiro para pensar estratégias de enfrentamento às mudanças climáticas



PATRICK MARINHO

Elaborada de forma conjunta, Carta de Saneamento da Maré contextualiza e propõe políticas socioambientais para a região

Na COP26, todos os países se comprometeram a mudar suas políticas para limitar o aquecimento global a 1,5°C acima das temperaturas da era pré-industrial (ou seja, aquelas registradas no ano de 1880). Para isso, o ministro Joaquim Leite garantiu que o Brasil vai reduzir pela metade, até 2030, a emissão de gases de efeito estufa, um dos principais responsáveis pelo aumento da temperatura global. Esse compromisso é firmado em um momento decisivo para o Brasil, que tem níveis alarmantes de desmatamento e está entre os dez países que mais emitem gases de efeito estufa.

Em meio à emergência climática, a urbanista afirma que é importante que sejam tomadas ações para nossa adaptação às condições adversas que começam a surgir: “Com o aumento da temperatura global, ocorre também a amplificação das ondas de calor; consequentemente, as ilhas de calor na Maré pioram. Daí a necessidade do monitoramento das temperaturas, e também da modificação da forma urbana da Maré: criação e conservação de mais espaços verdes, melhor mobilidade e menos poluição são essenciais.”

Poeira que mata

A poluição também é um dos fatores que afasta da Maré o conforto ambiental e climático. **Brenda Pinto**, estudante de biologia na UFRJ e representante do coletivo Muda

Maré, percebe esses efeitos: “O Complexo da Maré é rodeado pelas três principais vias expressas da cidade, e a gente percebe como o Parque Ecológico da Maré, por ser um dos poucos lugares verdes, é também um dos raros pontos a trazer ar fresco para os territórios.”

A sensação de Brenda não é apenas uma impressão particular. A concentração de uma poeira prejudicial ao corpo humano na Maré é cinco vezes maior do que o recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS). É o que apontam dados preliminares da tese de doutorado do cientista de dados **Paulo Mota**, membro do data_labe.

“Um dos poluentes do ar é o chamado material particulado de 2,5 nanogramas (MP2.5). É uma poeira extremamente fina que atravessa as paredes e passa pelos filtros do nosso sistema respiratório; em excesso, é depositada em nosso organismo. Existem estudos desde a década de 1990 que comprovam que pessoas expostas a mais de 25 nanogramas por metro cúbico desse material têm mais chances de desenvolver doenças respiratórias e cardíacas, como infarto agudo. Isso implica também o aumento da mortalidade entre a população. Na Maré, identificamos uma concentração acima de 50 nanogramas por metro cúbico, quando o recomendado são 10”, explica.

A maior fonte de MP2.5 é a queima de matéria orgânica e de com-

bustíveis fósseis (gasolina e o óleo diesel), como as que ocorrem nos motores dos carros, ônibus e caminhões. Como a Maré está localizada entre vias extremamente movimentadas, eram esperados altos índices de MP2.5. O que preocupa é que, com a redução de chuvas no inverno deste ano e com o ar mais seco, esse material ficou suspenso durante um longo período, o que, no curto prazo, causa alergias e alguns incômodos respiratórios, principalmente para quem mora em lugares com menos infraestrutura.

Deixando a Maré verde

Dias antes de a COP26 começar, jovens moradores de diferentes partes da Maré se reuniram para pensar em como lidar com os efeitos das mudanças climáticas no território. O evento foi organizado pelo Cocôzap, um braço do data_labe no monitoramento e geração cidadã de dados; pela Maré Verde, uma iniciativa da Redes da Maré; e pelo Muda Maré, um projeto de extensão da UFRJ. O encontro aconteceu no Parque Ecológico do Pinheiro, um dos poucos lugares verdes existentes no Complexo da Maré.

Na ocasião, **Camila Felipe**, integrante do coletivo Resistência Lésbica na Maré, falou sobre sua motivação para lutar por espaços mais verdes nas favelas: “A favela também interage com o meio ambiente. Revitalizar espaços como o Parque Ecológico da Maré, que é um dos únicos espaços verdes que temos dentro do território, é uma questão social, de afetos e de pensar em um futuro melhor.”

Entre as estratégias pensadas pelos participantes para melhorar a situação ambiental das favelas estão a revitalização de espaços verdes, o plantio de árvores e a criação de hortas comunitárias. “Se a gente consegue encontrar um lugar para descartar entulho, esse mesmo lugar poderia ser usado para plantar, criando espaços mais verdes. É função também do Estado fazer isso. E os benefícios seriam inestimáveis”, reforça Camila.

O campo de futebol é minha casa

Peladeiros formam verdadeiras famílias dedicadas à prática do esporte mais popular do mundo

HÉLIO EUCLIDES E JORGE MELO

“Já atuei em outros campos, mas agora não quero sair daqui, pois os peladeiros são uma família, tudo gente de *responsa*. Nós não treinamos como os profissionais, trabalhamos a semana toda e ainda fazemos bonito.” Essa declaração de amor ao futebol é de **Paulo César Silva**, morador da Nova Holanda, que joga toda manhã de domingo no Campo da Toca, na Vila dos Pinheiros. Esse sentimento de pertencimento e amor pelo espaço de lazer é igual para inúmeros jogadores de favela e faz parte do cotidiano da Maré.

Esse carinho pelos campos de várzea vem, muitas vezes, da construção e restauração dos espaços, pois são os próprios jogadores que tapam buracos, plantam a grama e fazem o que for para manter o espaço. Outros cresceram junto com o campo, participando de escolinhas de projetos sociais. **Antônio Carneiro**, conhecido como Japão, tem 63 anos e não joga mais;



Peladeiros do Raiz da Vila vestem a camisa rubro-negra para mais uma manhã de domingo de diversão em campo porém, sempre está à beira do campo da Toca. “Tenho amor por esse espaço. Depois dos jogos, ficamos na ‘resenha’, falando dos passes e gols”, diz. Ele defende a preservação desses locais de lazer, pois muitos deixaram de existir, para darem lugar a conjuntos de casas.

Na Maré, três campos chamam atenção pela tradição e longevidade. Além do Campo da Toca, o Vila do João e o da Paty, na Nova

Holanda, são considerados templos do futebol da Maré. “O campo é o lugar de alegria, onde encontramos a galera. Esse futebol aos domingos faz bem para a minha saúde. Se não fosse por isso, eu já teria morrido”, conta **Antônio Carlos Oliveira**, conhecido como Da Barra, de 67 anos. Alguns têm um apelido que identifica seu campo de coração. É o caso de **Valdo Gonçalves**, conhecido como Ma-

carrão da Toca, de 60 anos. “Destes, 35 primaveras são de futebol naquele campo. Não tem graça ficar em casa, aqui é uma família. No domingo eu tomo café com canela e venho para o campo”, explica.

Para o historiador **Bernardo Duarte**, o campo de futebol tem uma importância decisiva para milhares de amantes e praticantes do jogo. “Se o futebol profissional garante o espaço aos atletas dentro dos estádios e dos clubes, aos amadores esse terreno tem de ser conquistado no ambiente público, pois a sanha especulativa quer sempre se apropriar desses espaços”, afirma. Ele acredita que quanto mais lugares de jogo se oferece à favela, mais lazer e bem-estar são garantidos.

Um coração gramado

Na pelada dos veteranos da Toca, o organizador há 12 anos é **Sebastião Rodrigues**, conhecido como Boi. “Às vezes fico satura-



Campo Toca, na Vila dos Pinheiros, é um dos locais onde mareenses se reúnem religiosamente para jogar futebol e socializar



HÉLIO EUCLIDES

Espaços de pertencimento e reunião, amigos do campo se tornam praticamente núcleos familiares

do de ser uma liderança do futebol, mas muita gente depende do meu trabalho. Quando não tem futebol, os mais de cem veteranos ficam de cara triste. Todos dependemos da bola no domingo; sem ela, não somos ninguém. Precisamos cuidar dos campos, como o da Toca, pois nem todas as favelas tem esse ‘Maracanã’ para jogar”, conta.

Hoje, o Campo da Vila do João virou um estacionamento e Boi acredita que isso aconteceu porque o espaço não foi administrado adequadamente. Mas para ele, a força da história permanece. “Guardo na memória momentos memoráveis, como os 11 campeonatos de veteranos que organizei, com encerramento com festas. O campo da Vila do João faz parte da história da favela; muitas gerações jogaram ali. Nele tive muitas alegrias com o meu time Raiz da Vila”, diz.

Paulo Gadelha, conhecido como Casão, de 67 anos, relembra uma destas histórias. “Já joguei no Campo da Arquitetura, que era localizado onde hoje é o estacionamento da Reitoria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Fui um dos fundadores do Campo da Vila do João, no lugar onde é a Escola Municipal Professor Josué de

Castro. Sinto prazer em jogar na Maré, onde é o meu lugar”, relembra.

O Campo da Toca tem **José Carlos Ferreira**, conhecido como Zé Bala, como administrador do espaço. Com 38 anos de futebol no local, ele hoje fica de olho no campo: os jogadores não podem entrar descalços ou com chuteira de trava. “Dessa forma, ajudo a conservar. Se não fosse chato, o lugar já teria acabado. Quando o campo era careca eu pedia para os jovens em alguns momentos darem chance também para as crianças jogarem, pois o direito é de todos”, conta Zé Bala.

Apesar da preferência dada aos veteranos, o campo também é usado por projetos sociais que usam o futebol para trabalhar com as crianças. **Gláucio Aleixo** é coordenador do Projeto Rogi Mirim, que atua há 23 anos no Campo da Toca. “O campo é uma arma contra a ociosidade. Na pandemia, interrompemos o projeto por 30 dias. Percebemos que a criança não ia para escola e acabava na rua. Então retornamos com os cuidados necessários”, diz. Cerca de 250 crianças batem bola no campo diariamente — mesmo lugar onde jogaram convidados como Douglas Luiz (vo-

lante do clube inglês Aston Villa e da seleção brasileira), Romário (ex-Vasco, atualmente senador), Vágner Love (ex-Flamengo), Wellington Silva (ex-Fluminense), Charles (ex-Cruzeiro e Palmeiras), Felipe (ex-Vasco) e Diego (atualmente no Flamengo).

Aniversário com a família da bola

O campo localizado no coração da Nova Holanda já se chamou Oriente, 11 da Vila e Ouro Preto, mas foi rebatizado por ocupar o espaço onde foi construída a fábrica de macarrão Paty. Nele nasceram times como o Paz e Amor, Cascavel, *Flexa*, Cascudo, Cruzeirinho, Caneco e Santa Luzia. O campo também é um celeiro de craques como Dudu, do Boavista, Douglas Luiz e Leo Oliveira, ex-jogador do Flamengo.

Administrador há mais de dez anos do Campo da Paty, **Gilvan Salas**, conhecido como Giva, de 47 anos, tem no espaço um pedaço importante da sua vida: o lugar foi palco de memoráveis partidas, tanto jogadas na sua infância como na do seu filho, hoje. “O futebol é tudo, ainda faz lembrar dos velhos tempos. O Paty é um ponto de encontro para um bate-papo com os amigos. Tenho orgulho de tomar conta de um patrimônio da nossa comunidade que é tudo para mim”, conta ele.

Dá para dizer que **Arides Menezes** é mais popular do que nota de R\$ 2 na Nova Holanda, graças à sua trajetória no Campo da Paty. O local foi escolhido para comemorar seu aniversário e também os 46 anos do seu time, o Cascudo. “Cheguei aqui em 1955 e já tinha o campo. Em meados de

1970, apareceu o dono do terreno que murou o campo. Ficamos mais de cinco anos sem futebol. Depois entramos com enxadas e fizemos a limpeza e tudo voltou ao normal”, diz. Ele lembra que a última grande obra foi a instalação de grama sintética, mas, como não ocorreu manutenção, o material se deteriorou.

Segundo o jornalista, escritor e pesquisador **Ay-dano Motta**, essa sensação de pertencimento tem a ver com o lugar de vivência das pessoas. “Um exemplo é o Douglas Luiz, que joga na Inglaterra, mas é cria da Nova Holanda. Sempre que dá entrevista fala do lugar onde mais gosta de jogar, que é a Maré. Isso tem a ver com o lugar que é aceito, onde é querido, as relações são sinceras e o amor é verdadeiro. Este sentimento de pertencimento é muito importante, por isso estes locais precisam ser valorizados”, explica.

Para ele, o ex-jogador Adriano Imperador, do Complexo do Alemão, renunciou ao futebol para ficar mais próximo do povo e do lugar dele: “É prova de que, diferentemente do que pensa a elite, lugares como a Maré, o Complexo do Alemão, a Rocinha, a Baixada Fluminense e São Gonçalo são lugares belos e apaixonantes; basta saber conhecer. Daí vem o reconhecimento de pessoas que podem jogar em campos riquíssimos, como na Europa, apenas por dinheiro, mas onde querem estar é na favela. Isso tem a ver com dignidade, legitimidade, sinceridade e amor encontrado no território.”



CONFIRA ALGUMAS OPÇÕES DE CARDÁRIO

Encomendas para Natal e Réveillon até 19/12.
 Encomendas dos cardápios semanais: de segunda a quarta.

Para fazer os pedidos:

<https://meupedido.delivery/maredesabores>
 Telefone: (21) 3105-5569
 WhatsApp: (21) 97016-6803



TRUFA NATALINA DE CHOCOLATE

CHOCOLATE MEIO AMARGO. COM RECHEIO DE COCADA MOLE COM ABACAXI E UM TOQUE DE CANELA (120G)

RS 15,00



BOLO NATALINO DE LARANJA

BOLO NATALINO DE LARANJA COM MIX DE CASTANHAS BRASILEIRAS E COBERTURA CROCANTE DE CHOCOLATE MEIO AMARGO (200G)

RS 20,00



KIT AMARÉ COMPLEXO

PÃO ARTESANAL DE ABÓBORA (350G) - UMA GELEIA ARTESANAL DE BANANA COM MARACUJÁ (170ML) - UMA ECOBAG MARÉ DE SABORES

RS 35,00



KIT AMARÉ SIMPLES

UMA COMPOTA DE SARDINHA NA PRESSÃO (CONSERVA NATURAL - 360G) - UM PICLES DE ABÓBORA (360G) - UM PÃO ARTESANAL (350G) - UMA ECOBAG MARÉ DE SABORES

RS 60,00

PALAVRAS CRUZADAS

É chefiada pelo político Ciro Nogueira (2021)	Forragem para o gado	Casebre rústico	Um dos satélites de Júpiter (Astr.)	Ideia expressa pela conjunção "embora" (Gram.)	
Jerusalém ou Meca				Meu, em espanhol	
Ensino religioso (Catol.)					
Sorridente					
				Isaac Newton, físico	
				Bravos; corajosos	
Roedor noturno da América do Sul	(?) - delta: foi criada num projeto da Nasa		Sucesso de Tim Maia		
			Vestimenta das atégas		
		Polo moveleiro de Minas Gerais			Letra do símbolo do Super-Homem
Alunos; aprendizes					
Tipo de borracha para artesanatos			Equivale a 100m²		(?) - Aviv, bolsa de valores israelense
Cheio de (?): pretensioso			Correio eletrônico		
Pomba, em espanhol	Poder de fadas (Lit.)				
	Produto avícola				
				(?) eletrônico, opção de fumantes	Objetos de observação no planetário
Fenômeno óptico que surge no céu	Destino da bola na mesa de sinuca		Cômodo do presidiário		
			Estratégia de defesa		
					"(?) Poderoso", filme com Jim Carrey
		Perna, em inglês			
		Multidão (pop.)		(?) Palmas, província da Espanha	
Animal abatido			Sensação intensa no verão carioca		
Verbo do altruista					
Conversa banal, típica entre amigos (pop.)					
Cheios de entusiasmo (os fãs)					

BANCO. 3/eva — las — leg — mio. 6/paloma. 9/ardorosos — concessão.

67

TUDO O UNIVERSO DE MAGIA DA LUCAS TOON PARA VOCÊ COLECIONAR E SE DIVERTIR!

JÁ NAS BANCAS!

Ediouro

PANINI

© 2021 Lucas Neo Studios

Solução

S	O	S	H	A	R	A			
O	D	U	F	O	P	A			
R	O	C	A	L	O				
T	I	L	E	G	A	C			
S	R	O	I	S					
V	A	C	E	L	A				
O	E	M	A						
T	E	N	V	A					
V	A	R	E						
S	O	L	P	L	I	S			
S	O	L	O						
E	O	V	A						
N	I	N	O	H	O				
O	C	A	T	E	C	I	S		
C		F	C						

O MARÉ DE NOTÍCIAS TAMBÉM É SEU!

Fale com a gente!

(21) 97271-9410